

Como converter a fadiga em uma exposição?

Martí Peran

Se o capitalismo industrial produzia mercadoria com valor de troca e o capitalismo pós-fordista se deslocou para a produção de subjetividade, hoje a mais valia se concentra na autoprodução de identidade. Impôs-se a lógica do sujeito da autoexploração. A retórica do empreendedorismo e a publicidade ideologizada são inequívocas: “*Do it yourself*”; “*I am what I am*”.

Este novo lema produtivo – faz-te a ti mesmo – provoca uma generalizada hiperatividade nervosa. A cada momento nos encontramos sob a obrigação de tomar infinitas pequenas decisões em todos os âmbitos (profissional, emocional, social etc.), que se converteram na nova força do trabalho: não encerram nada e garantem o benefício gerado pela ação constante da “in-quietude”. O sujeito se confundiu com o movimento incessante de sua própria alienação.

A vida hiperativa é o paradigma da pobreza de experiência uma vez que conduz a um excedente deficitário: temos muitas experiências, porém, quase todas são banais. A consequência disso tem sido reconhecida em enunciados de vários autores: vida nua (Giorgio Agamben), vida danificada (S. López Pequeño), sociedade do cansaço (Byung-Chul Han), corrosão do caráter (Richard Sennett), fábrica de infelicidade (Franco Berardi), sociedade depressiva (Alain Ehrenberg).

A fadiga, a dor provocada pela autoexploração, se torna assim inevitável. Porém, em vez de representar uma condição patológica que deve ser corrigida a fim de voltar à espiral insensata da produção, a fadiga pode representar a ocasião para o despertar da consciência, o ponto de inflexão a partir do qual se inicia um processo emancipatório. A fadiga é o ponto de detenção e pausa, o momento do “cansaço capaz” (Peter Handke) com o qual começa a sabotagem. A fadiga se converte assim – na qualidade de revolução molecular – no início de uma folga que politiza o mal-estar.

Se no âmbito da engenharia a fadiga designa a diminuição da resistência dos materiais submetidos a um esforço repetitivo, na esfera da engenharia social, a

fadiga representa “a reivindicação esgotada do corpo individual que reclama o direito ao descanso social” (Roland Barthes). Com a fadiga, a hiperatividade muda em mera produção de detenção. Na negativa à produção da fadiga permanece o princípio emancipatório da deseducação; e em sua neutralidade descansa a promessa, quieta, de toda a diversidade possível.

Esse elogio da fadiga, aparentado com as apologias da preguiça, do anonimato, do desaparecimento e da inação, ocupa no horizonte da experiência contemporânea uma posição semelhante – talvez invertida – àquela que tempos atrás ocupou a melancolia.

Então, como converter esse argumento numa exposição? Como articular uma situação que translate esses conteúdos? Esses pequenos desafios, próprios de um campo disciplinar cada dia mais empobrecido não conduzem à pergunta por que fazer uma exposição?